

# AUGUSTO ROA BASTOS: OS TEMPOS EM *CONTRAVIDA*<sup>1</sup>

## AUGUSTO ROA BASTOS: THE TIMES IN *CONTRAVIDA*

---

Felipe da Silva Mendonça<sup>2</sup>

Luciana Brito<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar o elemento tempo no romance *Contravida*, de Augusto Roa Bastos. Para isso, tomamos três perspectivas sobre o que é o tempo e como sua passagem se dá, tendo como bases teóricas Santo Agostinho, Norbert Elias, Whitrow e Jacques Le Goff. Desse modo, temos: o tempo observável e circular associado à natureza; o tempo da consciência, que está sujeito à percepção do indivíduo sobre o tempo, isso é, as suas memórias; e o tempo simbólico, que, por meio de símbolos sociais, como os relógios e calendários, faz marcações temporais em um tempo linear no fluxo do devir.

**Palavras-chave:** Tempo. Augusto Roa Bastos. *Contravida*. Romance.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the time in *Contravida*, an Augusto Roa Bastos' novel. For this, we take three perspectives about what is time and how its passage is given, having as theoretical basis St. Augustine, Norbert Elias, Whitrow and Jacques Le Goff. In this way we have the observable and circular time associated with nature; the time of consciousness that is subject to the individual's perception of time, that is, their memories; and the symbolic time which, through social symbols such as clocks and calendars, makes temporal markings in a linear time in the flow of becoming.

**Keywords:** Time. Augusto Roa Bastos. *Contravida*. Novel.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 5 de setembro de 2017 e aceito em 15 de novembro de 2017. Texto orientado pela Profa. Dra. Luciana Brito (UENP).

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras da UENP.  
E-mail: felipeh\_mendonca@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Letras. Professora do Curso de Letras da UENP.  
E-mail: lbrito@uenp.edu.br



## INTRODUÇÃO

As questões a respeito do tempo intrigam a humanidade há séculos. Com o objetivo de chegar a uma definição que compreenda a complexidade deste conceito, filósofos, físicos e sociólogos desenvolveram diversas teorias que discutem a definição de tempo e de como sua passagem se dá. Nesse processo, foi possível observar que os pensadores se dividem em duas vertentes teóricas, por mais que suas intenções iniciais não fossem de se enquadrarem a uma. Assim, conforme Silva (2010), de um lado há a corrente subjetivista, que se vincula aos filósofos e entende o tempo como uma propriedade da alma, um aspecto *a priori* da mente humana que se aprimora ao longo da vida, isto é, sem o homem não há tempo. Em contrapartida, há a corrente objetivista, que está ligada às ciências da natureza e compreende o tempo como um dado real da natureza, ou seja, um elemento do universo habitado pelos seres, sendo o tempo, desse modo, independente ao homem (SILVA, 2010).

Na literatura entendemos o tempo como um elemento constituinte da narrativa. Por isso, buscamos observar como as diferentes visões sobre o tempo se articulam em um romance, uma vez que, Bakhtin (1998) pontua que o tempo presente do romance é uma das características que o difere dos gêneros clássicos e lhe permite ser o gênero que retrata a vida contemporânea, o presente vulgar e que se desenvolve com a sociedade moderna. Além disso, em uma perspectiva análoga a Bakhtin, Watt (1990) estabelece que o tempo trata-se de um dos elementos que proporciona o realismo formal ao romance, ou seja, que a forma que o romance é escrito seja real, palpável.

Com base em tais considerações teóricas sobre o tempo e outras que se fizerem necessárias, analisamos o romance *Contravida*, publicado em 1994, por Augusto Roa Bastos. A narrativa é construída por um narrador personagem que, após fugir da prisão, entra em um trem para voltar a Iturbe, o povoado em que cresceu, e nesse momento as memórias de sua infância são apresentadas ao leitor. Desse modo, o autor explora o tempo da consciência, pois o personagem tem o conhecimento de que talvez seus relatos não sejam totalmente verídicos, afinal, são acontecimentos que ficaram em sua memória e podem ter ocorrido de outra maneira.

Além disso, o autor situa a obra no tempo histórico, por meio de alguns elementos sutis que aparecem ao longo da narrativa, como o trem que o personagem principal viaja e a menção a algumas figuras históricas. Assim, por mais que o autor não apresente informações claras, aos poucos o leitor vai esmiuçando a obra, tanto em relação aos conhecimentos sobre o personagem, que não revela seu nome, quanto em relação ao período que a narrativa acontece e quais fatos podem ter levado ao momento que o personagem está vivendo.



## SOBRE O TEMPO

Os primeiros vestígios do desenvolvimento da consciência humana a respeito do tempo podem ser encontrados nas pinturas rupestres, as quais eram provavelmente produzidas por um estímulo mágico, de modo que o objetivo era fixar às paredes da caverna um acontecimento importante (geralmente a morte de um animal) para que isso fosse concretizado novamente no futuro (WHITROW, 1993). Por mais que o homem estivesse muito distante dos conceitos de passado, presente e futuro, a ideia de registrar uma pintura à parede, lembrando-se de um acontecimento passado, para que ela se realizasse no futuro, mostra-se como a gênese de um pensamento sobre o tempo.

No entanto, a percepção do tempo de forma consciente surge quando o homem começa a manipular a natureza. Segundo Whitrow (1993), no período paleolítico os homens começam a entender que em certas épocas do ano as plantações e os animais eram mais prolíficos, assim, quando o homem deixa de ser nômade e se fixa em um lugar iniciando as primeiras formas de uma sociedade agrícola e organizada, a necessidade de observação às estações e aos astros se torna importante, pois eles podem interferir no crescimento regular das plantações. Tratava-se de um tempo observável, dos dias, das estações, ou seja, um tempo cíclico e eterno.

A divisão das vertentes teóricas sobre o tempo em objetiva e subjetiva é moderna, os estudiosos do tempo em suas indagações e conclusões não possuíam o objetivo de se enquadrarem em uma, porém a visão geral de suas teorias permitiu que essa divisão fosse feita (SILVA, 2010). Assim, mesmo que para Newton o tempo seja absoluto e para Einstein o tempo seja relativo, ambos se encaixam na corrente objetivista, pois para eles o tempo é um dado da natureza, neutro ao homem. Enquanto isso, para os subjetivistas, o tempo está diretamente relacionado ao homem e a sua percepção sobre ele (SILVA, 2010), como um dos representantes dessa vertente temos Santo Agostinho de Hipona.

Santo Agostinho inicia suas indagações sobre o tempo por conta da seguinte pergunta: "Que fazia Deus, antes de criar o céu e a terra?" (AGOSTINHO, 2017, p. 312). Para responder essa questão, Santo Agostinho chega à conclusão de que antes não havia tempo, afinal, sendo Deus criador e senhor de tudo, o tempo foi criado por Ele, de modo que, Deus não antecede o tempo, pois Ele o criou. Contudo, Agostinho pontua que, Deus, em sua eternidade, antecede o passado humano e ultrapassa o futuro. Assim, não há passagem de anos para Deus como há para os humanos, de forma que os anos de Deus são um dia só, um dia que não presume o dia seguinte, trata-se de um hoje que não é substituído pelo amanhã e nem se torna ontem. Para Santo Agostinho, o hoje de Deus é a eternidade, ou seja, Ele vive o eterno presente e, por isso, não houve tempo antes Dele criar o tempo, "não houve um tempo em que não havia tempo" (p. 314).



Assim, o autor observa que o tempo não é coeterno a Deus, pois se o tempo permanecesse, como Deus em sua eternidade, não seria tempo. Nesse ponto, Santo Agostinho chega ao cerne da questão:

O que é o tempo, então? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas, se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei: mas é com segurança que afirmo saber que, se nada passasse, não haveria tempo passado; se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro; e, se nada fosse, não haveria tempo presente. (AGOSTINHO, 2017, p. 315)

Para responder essa dúvida, o bispo de Hipona pontua que o passado é algo que deixou de existir e o futuro é algo que ainda não existe, por isso ele não pode afirmar o que ambos são. A respeito do presente, Agostinho observa que o que faz do presente ser considerado tempo é o fato de se tornar passado, ou seja, também não é possível afirmar o que é o presente sendo que o motivo de sua existência é deixar de existir.

Ainda assim, o bispo de Hipona percebe que as pessoas falam em **tempo longo** e **tempo breve** quando se referem ao passado e ao futuro. Por exemplo, cem anos atrás é um passado longo, assim como daqui a cem anos é um futuro longo; e o mesmo se aplica para o tempo breve, pois dois dias atrás e daqui a dois dias são tempos breves (AGOSTINHO, 2017). Agostinho procura entender como algo que deixou de existir e algo que ainda não existe podem ser classificados como longos e breves. Para isso, ele sugere que, na verdade, apenas o presente poderia ser classificado como longo ou breve, pois apenas o que existe pode ser classificado desse modo. Entretanto, a condição efêmera do presente não o permite ser longo, pois um ano inteiro não pode ser presente, nem mesmo os dias que o compõem podem ser classificados inteiramente como presente, uma vez que os dias são divididos em horas, as horas em minutos, os minutos em segundos e assim por diante. Portanto, o presente não possui extensão (AGOSTINHO, 2017).

Próximo de chegar a uma conclusão, Santo Agostinho constata que os fatos narrados no passado estão em nossa memória e não no próprio acontecimento do passado, pois por mais que os relatos sejam verídicos, esses não são os acontecimentos em si, são apenas as palavras que surgiram a partir das imagens dos fatos e ficaram gravadas no espírito. Por exemplo, a infância de um homem adulto está no tempo passado, mas, quando ele narra como ela foi, as imagens desse momento surgem em sua mente no tempo presente, por conta de sua memória. Em relação ao futuro, Agostinho percebe que durante o presente premeditamos ações futuras e, para elucidar esse pensamento, o bispo de Hipona aponta para o nascimento do sol, ou seja, no período da manhã, ao observarmos os



primeiros raios solares, sabemos que o sol irá nascer, desse modo, premeditamos o seu nascimento.

As medições do tempo estão, pois, associadas à memória dos indivíduos e a suas expectativas de um acontecimento. Nesse sentido, Santo Agostinho conclui que os três tempos não deveriam ser chamados de passado, presente e futuro, mas, sim, de presente do passado, presente do presente e presente do futuro, afinal, o presente é o único tempo existente. Assim, Agostinho completa: “Esses três, de fato, estão na alma, de alguma maneira, e não os vejo em outro lugar: a memória presente do passado, a visão presente do presente, a expectativa presente do futuro” (AGOSTINHO, 2017, p. 320). Dessa maneira, o tempo para o bispo de Hipona é o tempo do espírito, da consciência.

A dicotomia entre subjetivistas e objetivistas encontra uma proposta de solução nas ideias do sociólogo alemão Norbert Elias. De acordo com Silva, para ambas as correntes teóricas o tempo aparece como um dado imutável, de modo que, os pensadores tratavam o tempo como um dado universal, inato e sem relação com a experiência das relações sociais. A autora ainda completa que, o tempo para um grupo de pessoas que vivem em uma floresta e o tempo para um grupo de operários de uma fábrica não transcorre da mesma maneira, afinal, o que eles sentem e compreendem como tempo está relacionado à sociedade da qual fazem parte. Segundo Silva: “(...) o tempo é um padrão criado de diferentes formas em diferentes tempos e espaços” (SILVA, 2010, p. 174), uma vez que o saber humano sempre parte de outro saber, isto é, nenhuma ideia surge do nada e com o tempo isso não é diferente.

Para Elias, não é possível entender o tempo a partir do homem ou da natureza como eles não se relacionassem, pois o tempo se dá por meio do homem na natureza. É preciso, pois, levar ambos em consideração e observar as relações entre indivíduo, sociedade e natureza. O tempo, então, é um símbolo social que surge na relação entre sociedade e natureza e os indivíduos que as compõem são obrigados a compreender esse símbolo, que resulta de um longo processo de aprendizagem, pois ele faz parte do processo civilizador, oferecendo, assim, a coerção necessária para a manutenção da ordem. Segundo Elias:

Os símbolos artificiais inscritos em ponteiros de configurações mutáveis, assim como nas datas sempre novas indicadas pelos calendários, são o tempo. São treze horas e dez minutos, agora. O tempo é isso. É necessária, aqui, uma certa prudência no uso que fazemos da linguagem. Podemos legitimamente afirmar que o relógio indica o tempo, mas ele o faz através de uma produção contínua de símbolos que só têm significado num mundo em cinco dimensões, num mundo habitado por homens, isso é, por seres que aprenderam associar às figuras



perceptíveis imagens mnêmicas específicas, e portanto, um sentido bem determinado. (ELIAS, 1998, p.16, ênfase no original)

Na medida em que as estruturas sociais se tornaram mais complexas, a orientação por meio das fases da lua ou das estações climáticas já não era mais possível para essas estruturas. Na sociedade capitalista, por exemplo, todos os instantes são regulados, pois o homem nasce submetido à ordem capitalista em que a venda da força de trabalho envolve o fato de a sociedade precisar ser regulada a todo instante. Desse modo, as memórias, as expectativas e as vivências atuais dos indivíduos devem estar inseridas no fluxo contínuo do devir, para que possam, de alguma maneira, localizarem-se por meio de números (SILVA, 2010). É nessa perspectiva que o tempo, como um símbolo social, exerce sua coerção na sociedade e, por esse motivo, Carvalho aponta que “o tempo de Elias, mais do que social, era simbólico” (CARVALHO, 2014, p. 49).

Norbert Elias (1998) pontua que os calendários e relógios compõem parte dos símbolos que naturalizam a ideia de tempo, afinal, esses números permitem a representação de estruturas recorrentes no interior de um fluxo de acontecimentos que não se repete. Segundo Le Goff (1990), o calendário mostra o esforço da humanidade para controlar o tempo natural, como o dia e a noite e os ciclos das estações. Entretanto, o autor salienta que as horas e as semanas não estão ligadas à natureza, mas à cultura. Desse modo, o calendário é fruto da expressão histórica, ligando-se, assim, às origens religiosas e míticas da humanidade, ao avanço do desenvolvimento tecnológico e científico e, por fim, à evolução cultural, social e econômica. Portanto, há um esforço em tornar o tempo cíclico da natureza em um tempo linear medido através dos anos. Nessa compreensão de um tempo linear no interior do fluxo do devir que não se repete, Elias esclarece:

Basta olharmos para um relógio ou um calendário para nos darmos conta disso. Ao constatar, por exemplo, que é meio-dia do décimo segundo dia do décimo segundo mês do ano de 1212, fixamos, simultaneamente, um marco temporal no fluxo da vida individual, na evolução de uma sociedade e no devir da natureza. (ELIAS, 1998, p. 17)

Portanto, o tempo para o sociólogo alemão trata-se de um tempo simbólico, disseminado na sociedade por meio dos relógios e calendário que, devido aos recursos numéricos, permitem registrar um marco temporal. Desse modo, temos um tempo marcado por números e símbolos, compreendidos pelos



indivíduos em seu processo civilizador, ou seja, temos um tempo coercivo, exato, histórico.

## OS TEMPOS EM *CONTRAVIDA*

*Contravida* é um romance dividido em dezesseis partes em que, por meio de capítulos curtos, o autor narra a história de um ex-presos político que não revela seu nome por odiá-lo. Sabemos apenas que, no momento em que ele, junto de um grupo de presos, finaliza uma escavação para fugir da prisão, um desmoronamento acontece e ele é o único sobrevivente. Assim, o romance inicia-se com o personagem atordoado, sem saber exatamente em qual lugar está e somente com a lembrança do desmoronamento.

As notícias divulgadas para a população informam apenas sobre uma tentativa de fuga e de um massacre que os policiais foram obrigados a realizar para conter os presos. Dado como morto, então, o personagem embarca em um trem na esperança de continuar sua fuga. Durante a viagem, ele registra em um caderno as lembranças de sua infância na medida em que elas despontam em sua mente e as situações que está vivenciando no presente. Dentro do trem, o homem encontra três membros da polícia política, formada por assassinos e torturadores, assim como aos poucos observa que existem pessoas que podem estar dispostas a entregá-lo aos oficiais. Entretanto, decidido a conectar-se ao seu passado, à sua infância e às suas raízes, o personagem vai, na *contravida*, para o povoado em que cresceu.

Vale ressaltar que, de acordo com Custódio (2015), a origem desse romance encontra-se no conto *La excavación*, publicado no livro *El trueno entre las hojas*, em 1953, o qual narra justamente a fuga do grupo de homens e o momento do desmoronamento. No entanto, no conto acompanhamos Perucho Rodi, um ex-combatente da Guerra do Chaco, que falece soterrado (PACHECO, 2006). Posto isso, podemos analisar como o tempo observável e das estações, o tempo da consciência e o tempo dos calendários e da história se articulam na referida obra de Augusto Roa Bastos.

No início da história, quando mulheres encontram o protagonista e cuidam dele até sua recuperação, o tempo observável se destaca, pois o personagem apresenta longos momentos de inconsciência devido ao acidente. Desse modo, as primeiras percepções do narrador sobre o tempo acontecem por meio daquilo que ele observa, identificando, assim, os dias e noites e o caráter cíclico e eterno das mudanças da natureza.



As folhas ocultavam as estrelas e a lua. Na treva branca do meio-dia, o sol apenas um borrão avermelhado resvalando entre o arvoredo até se desdourar na escuridão total.

O ulular faminto de alguma coruja me indicava que a noite era noite. A tortura dos ossos, que o dia era dia. A angústia da espera, que o tempo é imóvel como a eternidade. (BASTOS, 2001, p. 10)

Ainda na perspectiva de um tempo observável, quando o personagem relembra de seu povoado, nota-se que o tempo para essas pessoas era associado às estações, pois a cidade era conhecida pelas enchentes causadas pelas chuvas. Por isso, em suas primeiras lembranças do passado, o protagonista relata: "Pouco depois, como todos os anos, a inundação iria cobrir as terras baixas de Manorá" (BASTOS, 2001, p. 14). Um pouco mais adiante, quando sua memória já retornou, a consciência sobre as estações torna-se mais clara, de forma que ele aponta: "As enchentes eram o vício de Manorá. Na estação das chuvas, o rio inchava em seu leito profundo. Enlouquecia de redemoinhos. Transbordava sobre campos e vales. As águas podiam subir mais de um metro numa noite" (p. 99); e ainda completa, mencionando em qual estação climática as chuvas chegavam: "Também era dali, a cada inverno, que vinha a grande víbora das chuvas que trazia as inundações" (p. 101).

O tempo observável aparece também em diversos momentos para retratar a passagem do tempo, ou seja, para mostrar que as personagens estão em determinado lugar ou fizeram uma atividade por um longo período. Assim, Roa Bastos escreve: "Pela mudança de luz percebi que dormira várias horas. Talvez um dia inteiro. Um dia e uma noite. Não sei" (BASTOS, 2001, p. 50); ou, então: "O entardecer tornou-se noite de repente. No lugar ocupado pelo rosto de minha mãe, elevava-se agora uma sombra lunar" (p. 119). Além disso, o tempo das estações é utilizado para auxiliar na construção do ambiente que as personagens estão, a saber: "A manhã estava ensolarada e deserta, povoada apenas com o vento quente do norte e o infinito bulício dos pássaros" (p. 169).

O tempo da consciência permite à história se desenvolver, afinal, o personagem escreve em um caderno as memórias de sua infância e as memórias dos acontecimentos que está vivendo no presente próximo, de forma que, com exceção das páginas finais quando há uma mudança de narrador, todo o romance apresenta o tempo da consciência, visto que o que lemos são as anotações dessas memórias, ou seja, como é posto por Agostinho, são as palavras de um fato que ficaram gravadas no espírito do personagem e não o acontecimento em si. O próprio protagonista possui essa noção:





Quando a gente começa a cismar nestas lembranças, elas se tornam reflexivas e nos pensam.

Por que... Será que devo falar sobre isso? Como se pode contar o que aconteceu há tanto tempo? Como se pode contar o que acaba de acontecer?

A memória do presente é a mais enganosa.

O relato não faz mais que relatar-se a si mesmo.

O importante não são as palavras do relato, mas o fato, que não está nas palavras do relato e que justamente rejeita as palavras. (BASTOS, 2001, p. 120)

O caráter memorialista da obra aparece logo no início, quando o personagem começa a recobrar sua consciência: "Fui recuperando lentamente os movimentos. A memória também começou a emergir da obscuridade em que minha mente lançara âncora" (BASTOS, 2001, p. 12); e "Através da fenda coruscante invadiram minha mente outras vidas, outras histórias, outras lembranças" (p. 13). Esse caráter se torna ainda mais claro nos momentos que o personagem se lembra de sua infância, pois há um contraste entre a vida adulta e a infantil:

Agora, em minha idade adulta, nesta época de pouca parra e pouca uva, aquele sonho da cratera é uma lembrança mais nítida e indelével que o sonho de um menino. Uma lembrança remoída e destilada pelos mesmos cheiros, pelos mesmos desejos, pelo mesmo delírio. (BASTOS, 2001, p. 94)

O tempo da consciência ganha uma força maior na medida em que o trem fica próximo de Iturbe (também chamada de Manorá), de forma que ele aproxima o personagem fisicamente e mentalmente de suas raízes. Nesse momento, as memórias tomam conta da mente do protagonista e a narração deixa de alternar entre os relatos dos acontecimentos próximos e a memória da infância para focar-se apenas nas memórias: "– A que horas vamos passar por Iturbe? – perguntou o velho. – À meia-noite, com certeza. – informou (...). Minhas lembranças de Manorá eram cada vez mais intensas" (BASTOS, 2001, p. 98). Há um trecho marcante na obra que exemplifica o caráter subjetivo do tempo da consciência, isto é, de um tempo ligado à percepção do indivíduo, independente aos símbolos socialmente instituídos para marcar a passagem do tempo. Assim, lembranças de muitos anos são descritas pelo narrador durante a viagem de trem e ele assinala: "Agora mesmo, neste trem de um século, depois do longo e vagaroso percurso de outro século e meio pelo subsolo de minha memória, ressurgia, denso,



arraigado, insistente, o desejo de retornar, a contravida, ao vilarejo de minha infância” (p. 182).

O tempo simbólico de Elias aparece no romance de duas maneiras: como uma força coerciva propriamente dita e como um marco temporal em um tempo linear. Os símbolos socialmente instituídos como os calendários e relógios aparecem em alguns trechos da obra, entretanto o trem é o símbolo que exerce uma força coerciva na vida dos personagens. Como é posto por Elias, as sociedades possuem diferentes interpretações do tempo, uma vez que ele não é inerente ao homem e nem a natureza, pelo contrário, ele surge a partir da relação entre uma sociedade com a natureza. Desse modo, durante as lembranças do personagem, observamos que o vilarejo de Iturbe é muito pequeno e pouco desenvolvido, ou seja, não é uma sociedade complexa. Nesse sentido, os habitantes de Iturbe se localizam no tempo por meio da estação das chuvas e pela passagem do trem na cidade, isto é, o trem é o símbolo aceito por essa sociedade como um marcador do tempo. Para Roa Bastos: “Sem o barulho do pequeno trem centenário, sem o grande barulho das inundações, os iturbenhos não saberiam onde estavam situados. O ruído periódico do trem dava as horas e a semana” (BASTOS, 2001, p. 60); e, posteriormente, ele completa que: “Nas enchentes ficávamos sem trem. E sem a passagem do trem o vilarejo ficava, por sua vez, como que afogado e morto, sem memória do tempo que passava. Não sabíamos que dia era, nem que hora, nem que ano, nem que século” (p. 109).

Além disso, a figura do trem é um dos marcos temporais presentes na obra, assim, é um dos elementos, junto da menção de figuras e eventos históricos, que nos permitem observar o tempo histórico. Segundo Doratioto (2015), quando Francia sai do poder paraguaio e o Consulado, composto por Mariano Roque Alonso e Carlos Antonio López, assume o poder, mudanças começam a acontecer no Paraguai. Uma que se destaca é a proclamação da independência, em 1842, para que o país fosse fortalecido e reconhecido por outras nações. Assim, também era necessário que o Paraguai modernizasse sua economia e, como parte do processo de modernização, Carlos López, eleito como primeiro presidente do país, investiu na construção da Estação Ferroviária Central de Assunção, que ligaria diversas cidades do interior do país à capital. De acordo com Lima (2016), em 1856 o governo paraguaio contrata os engenheiros londrinos Alfred e John Blyh, para construir o trem. As atividades dos engenheiros começam em 1857, mas o trem só é inaugurado em 1861. O trem, com o qual entramos em contato na obra, trata-se desse trem construído pelos londrinos, sendo assim conseguimos observar o marco temporal e saber que a história se passa, no mínimo, cem anos após a construção do trem. Há trechos, no romance, que marcam o período em que o trem foi construído: “O escudo de ouro do patriarca Don Carlos escoltava a locomotiva de 1857. (...). Na inscrição enegrecida lia-se a seguinte legenda: *Locomotora Paraguay – 1857 Presidente Don Carlos Antonio*



*López*" (BASTOS, 2001, p. 86, ênfase no original); e trechos sobre a quantidade de tempo que ele existe: "Agora mesmo, neste trem de um século (...)" (p. 182).

O tempo histórico também está presente no romance pela menção a eventos históricos como a Guerra do Paraguai (1864-1870), a Guerra do Chaco (1932-1935) e a Guerra Civil de 1947 e figuras como José Gaspar Rodríguez de Francia (1766-1840), Carlos Antonio López (1790-1862), Francisco Solano López (1827-1870), Albino Jara (1877-1912), o escritor Rafael Barrett (1876-1910) e Patricio Colmán, coronel das forças militares do governo de Stroessner (1912-2006). Ao analisar o conto *La excavación*, Pacheco (2006) conclui que o conto está centrado nos acontecimentos do Paraguai entre os anos de 1932 a 1947 e o motivo da prisão de Perucho Rodi seria sua participação na Guerra Civil de 1947. Nesse sentido, como o protagonista de *Contravida* é companheiro de Perucho Rodi na luta política: "Perucho Rodi, companheiro de estudos, camarada na luta política, já não podia me ouvir" (BASTOS, 2001, p. 20), o romance seria ambientado na mesma época. Entretanto, em suas anotações o personagem principal nos traz informações que contradizem essa visão, uma vez que fica preso por sete anos, logo, nessa perspectiva, a história se passaria por volta de 1954, porém há um momento na fala de Silveria Zarza, mulher que trabalha para a polícia política e pode entregá-lo, que nos localiza no momento histórico do romance. "– Eram do povoado de Tavaí – contou a mulher. – As guerrilhas do 14 de Maio andaram por lá há dois anos. Arrasaram o vilarejo. Mataram os homens, violaram as mulheres. Ainda bem que as tropas do general Colmán acabaram com os guerrilheiros" (p. 81).

Ao fazer a menção ao movimento 14 de Mayo (1959-1960), formado por jovens membros do Partido Liberal e do Partido Revolucionário Febrerista que eram contra o governo ditatorial de Stroessner, que passaram por um povoado há dois anos, Silveria Zarza localiza *Contravida* nos anos 1960, durante a ditadura militar paraguaia, o que ainda condiz com o fato de o narrador dizer que o trem já possui um século. Vale salientar que há uma inconsistência na localização temporal da obra de Roa Bastos, pois, durante as memórias da infância, provavelmente localizadas no final dos anos 1930, o personagem faz uma referência ao livro *Cem anos de solidão*: "Atrás do Cavaleiro da Capa Verde ia a numerosa e aguerrida legião dos Buendía, de Macondo, especialistas em guerras e revoluções" (BASTOS, 2001, p. 154); todavia, o romance de García Marquez foi publicado apenas em 1967.

Por fim, é importante dizermos que o tempo simbólico também estabelece marcos temporais restritos à pequena sociedade de Iturbe e à vida do personagem, mas que, ainda assim, localizam os acontecimentos em um tempo linear e sem voltas. Assim, existem trechos em que ele localiza a data específica do acontecimento, mesmo sem indicar o ano: "Naquela madrugada de segunda-feira, 14 de junho, acordei no buraco calcinado do tarumã" (BASTOS, 2001, p. 173); e "Lembro-me muito bem daquela manhã gelada de 13 de junho, quando o povoado ficou órfão de seus dois diminutos patriarcas, encarnados um no outro" (p. 188).



## CONCLUSÃO

A história de *Contravida* se passa em pouco menos de duas semanas, pois antes de entrar no trem dez dias se passaram e após embarcar a passagem de dias não é bem especificada pelo narrador, mas subentende-se que não demora mais de dois dias. Por meio de um monólogo interior, o tempo do romance se alterna entre a memória do presente próximo e a memória da infância do protagonista, esse efeito é causado justamente pelo tempo da consciência, que não reconhece os símbolos socialmente aceitos para marcar o tempo e nem a circularidade do tempo observável. Desse modo, as memórias apresentadas pelo personagem estão sujeitas a suas interpretações mentais, que surgem quando pequenos detalhes o lembram de fatos ocorridos e quando o trem se aproxima de Manorá. Assim, por mais que exista certa linearidade na maneira como ele narra suas memórias, é possível perceber que as lembranças são escritas na medida em que despontam em sua mente. O tempo observável e o tempo histórico, então, surgem na história para contextualizar e ambientar o relato dos acontecimentos feito através das memórias.

Além disso, é justamente o tempo simbólico que confere ao romance uma localização específica em um período histórico, ou seja, é ele que confere o realismo formal (WATT, 1990) ao romance e o auxilia no retratado da vida contemporânea ao narrar um presente próximo (BAKHTIN, 1988). Por fim, vale ressaltar que o tempo da consciência, presente no romance por meio das memórias, retrata com clareza a individualidade romanesca, visto que entramos em contato com a história individual em momentos individuais de um indivíduo único.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1988.

BASTOS, A. R. *Contravida*. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CARVALHO, E. R. A crítica de Norbert Elias à dicotomia entre tempo físico e tempo social. *Coletânea*, v. 8, n. 25, Rio de Janeiro, jan./jun. 2014, p. 31-62.

CUSTÓDIO, R. C. F. *Augusto Roa Bastos: entre nambréna e ausência, uma escritura caleidoscópica*. 2015. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.



DORATIOTO, F. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LIMA, L. O. *A guerra do Paraguai*. São Paulo: Planeta, 2016.

PACHECO, G. E. S. *Augusto Roa Bastos: o fazer literário como interpelação da história paraguaia*. 2006. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura Comparada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, N. L. M. O tempo social de Norbert Elias: uma proposta de superação ao conhecimento dicotômico do tempo. *Mneme*, v. 11, n. 27, Caicó, 2010, p. 162-180.

WATT, I. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepção sobre o tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

